

Documentação

06/08/2000

Fonte

Data 8/2/2000 Pg 10

Class. 123

Secretária da Amazônia critica projeto federal

Mary Alegrete diz que expansão da soja incentivada pelo Plano Plurianual vai acelerar destruição da floresta

Ascânio Seleme

• Conhecida como uma das mais combativas ambientalistas brasileiras, a secretária para a Amazônia do Ministério do Meio Ambiente, Mary Alegrete, resolveu voltar suas baterias contra o próprio Governo. Para ela, a expansão do plantio da soja, previsto pelo Plano Plurianual, fechará um ciclo econômico de destruição da floresta amazônica.

— Hoje há um ciclo da destruição muito mais ligado à sobrevivência e à ilegalidade. Mas com a soja, este ciclo ganhará uma racionalidade econômica — criticou.

Com mais de 20 anos de experiência na área ambiental, onde trabalhou em ONGs e foi parceira de Chico Mendes, Mary sempre criticou o Governo pela fraca atuação no setor. Hoje, dentro do Governo, ela não abandonou as trincheiras. Lamenta que a questão am-

biental ainda não tenha entrado na pauta econômica e vê contradições nas ações voltadas para a Amazônia.

— O plano plurianual define eixos para a Amazônia pelo sentido econômico, propondo a expansão da soja. E isso só faz sentido econômico. O que nós queremos é dialogar com a área econômica essa definição, esse planejamento para a Amazônia — pediu.

Apesar do cargo, Mary se sente à vontade para criticar. Indicada para o Ministério do Meio Ambiente pelo senador José Sarney, pai do ministro Sarney Filho, ela diz que tem total liberdade de trabalho. Admira o ministro e se diz otimista em relação ao futuro da Amazônia. Mas afirma que seu desafio é incluir a questão ambiental na pauta econômica do Governo. Se não, diz ela, a região será destruída:

— Todos dizem: "Nós somos a favor da questão am-



MARY ALEGRETE: questão ambiental não entrou na pauta econômica

biental". Isso é muito pouco. Por isso, nosso desafio desse ano é fazer com que a questão ambiental seja entendida como parte intrínseca da questão do desenvolvimento.

Para a secretária da Amazônia, nem tudo é razão para pessimismo. Ela elogia expe-

riências que saíram do discurso para a prática, como a do ministro da Política Agrária, Raul Jungmann, que baixou portaria proibindo assentamentos em floresta nativa.

— A questão ambiental no Brasil mudou para melhor. Hoje, a idéia de que a floresta tem

mais valor em pé do que deitada já entrou no cotidiano das pessoas. Mas não é só no discurso. Mudou também por que foi integrada ao processo de planejamento. Hoje, a Amazônia se transforma numa questão nacional. Antes, era exclusivamente internacional. A única coisa que continua a mesma, não mudou, é que a questão ambiental não entrou na área econômica — insiste.

Meta de Mary é controlar ritmo do desmatamento

Sobre o trabalho no Ministério do Meio Ambiente, Mary disse que é meta prioritária controlar o ritmo do desmatamento. O segundo objetivo é estabilizar o processo.

— Depois que você conseguir fazer isso é que você pode pensar em reduzir. Eu não falo em desmatamento zero nunca, porque eu acho que é uma meta que não tem viabilidade — explicou.

A secretária alertou, contudo, que as queimadas previstas para este ano dificilmente livrarão o Governo de enfrentar novos constrangimentos no exterior.

— As queimadas sempre causam constrangimento. Além do mais, nós temos de admitir que estamos perdendo riqueza. Então, quando a opinião pública internacional se manifesta, se manifesta também porque a opinião pública nacional é omissa. Só depois de controlar o ritmo, é possível pensar em reduzir — explicou Mary.

Embora veja avanços nos mecanismos de controle do desmatamento, Mary aponta omissão do governo, que não fez o mesmo investimento nos mecanismos de fiscalização:

— Nem nas áreas florestais e nem no sistema de monitoramento da tomada decisão, na hora que ela acontece lá na ponta do sistema. ■